

O Homem Que Não Queria Morrer

JOHN G. HUBBELL

Num dos combates épicos da história da Medicina, James Young atravessou lutando anos de dor, suportando 58 intervenções cirúrgicas, vencendo o vício da droga e o desespero. O seu triúnfo ergue-se como um monumento ao espírito humano

A PROXIMANDO-SE para um pouso de emergência, o caça P-51 estatelou-se contra um barranco lamacento a cerca de 100 metros da pista, numa base americana na Coréia do Sul. Um tanque de combustível logo atrás da cabina explodiu com o impacto, catapultando o piloto através da cúpula de plástico fechada. Ele acabou caindo de costas, ainda preso ao assento, a uns 10 ou 12 metros dos destroços em chamas, numa vala de drenagem. Seu uniforme de vôo pegara fogo, já quase apagado pelo esgoto raso quando uma turma de socorro o localizou.

No hospital da base, médicos cortaram-lhe a roupa e quase desistiram diante dos ferimentos. O lado es-

querdo da cabeça fora cruelmente atingido pelo fogo, e o rosto, aparentemente esmagado de encontro à mira do canhão, mostrava fraturas no queixo, nos dois ossos malares e nos dois maxilares. As mãos estavam gravemente queimadas e a pele do lado esquerdo do corpo tinha sido consumida pelo fogo da cintura ao tornozelo. A perna direita apresentava múltiplas fraturas expostas.

Se havia alguma chance de o destroçado piloto escapar, não era aparente. Mas o coração ainda batia e os pulmões queimados ainda respiravam. Nessa mesma noite, ele foi transportado de avião para um hospital militar a 150 quilômetros de distância. Aí manteve-se em

coma profunda, recusando-se a morrer.

Somente dois dias depois foi que o Tenente James Arthur Young se deu conta de que ainda estava vivo. Ficou espantado, lembrando-se do motor do avião, que, superaquecido, entrara em pane, e daquele último momento de terrível certeza da morte, cheio de frustração e desespero por não poder evitá-la. Começou a organizar-se de novo mentalmente. Tinha 25 anos de idade, oito de carreira militar e fazia exatamente o que sempre quisera: era piloto de caça, já com 38 missões de combate no seu ativo. Em casa estavam Lani, sua mulher, linda e jovem, e Michael, o filho que ele ainda não conhecia.

Mas ali estava ele, totalmente imobilizado, presa de dores — dores tão fortes como ele nunca pensara que alguém pudesse suportar. A dor envolvia-o, agarrava-se a ele, penetrava desde o alto da cabeça até às plantas dos pés. Mas além da dor havia um pensamento maravilhoso, que a tornava suportável: ele ouvia-se a si próprio gritando: «*Estou vivo! Estou vivo!*»

Os médicos apareceram-lhe dizendo que tudo ia bem e que dentro em pouco ele estaria a caminho de casa. Ditou um bilhete para Lani dizendo que estava ferido, mas que ela não se preocupasse. Depois, exausto, adormeceu. Foi assim que, a 21 de março de 1952, em meio à guerra da Coréia, o piloto Jim Young começou a sua longa batalha pela sobrevivência.

Agonia Total. Durante vários dias, o estado de Jim agravou-se. A sujeira da vala de drenagem provocara uma infecção e sobreveio pneumonia. Os médicos acharam que a sua única chance seria no grande hospital da Força Aérea em Nagóia, no Japão. Durante a viagem de avião, Jim «morreu»; seu coração deixou de pulsar, e o médico de bordo teve de injetar-lhe adrenalina diretamente no coração e de submetê-lo a uma massagem cardíaca. No hospital, Jim recebeu a extrema-unção. Ele não era católico, mas achou simpático da parte do padre. De qualquer forma, era indiferente, porque Jim tinha a certeza de que não iria a parte alguma, a não ser para a sua esquadrilha, que em breve seria equipada com aviões a jato. Mal podia esperar.

Ele acordou ao amanhecer e viu sua perna direita, esmagada, pendurada em tração, e sua perna esquerda, queimada, apoiada em almofadas. Todo o seu lado esquerdo, seu rosto e ambas as mãos estavam envolvidos por ligaduras tratadas com vaselina. Estava recebendo sangue por meio de uma agulha enfiada num braço e alimentos líquidos eram-lhe administrados através de outra agulha, no outro braço. E havia sempre a dor — uma agonia feroz e total. Depois veio uma injeção de Demerol, e Jim flutuou para longe da dor.

Na manhã seguinte, o seu quarto zumbia de atividade. «Você andou tendo dificuldade em respirar», disse um médico, «e nós vamos abrir

uma passagem de ar no seu pescoço, para facilitarmos as coisas.» Jim de repente deu-se conta de que iam cortar-lhe a garganta. Tentou protestar, mas ao cabo de alguns minutos o médico estava-lhe mostrando como, para falar, ele agora teria de pôr o dedo sobre o tubo que lhe saía do pescoço.

Os dias cheios de dores sucediam-se, e Jim continuava aguentando tenazmente. A pneumonia foi vencida. O fígado começou a mostrar falhas, mas foi reavivando. A atadura da cabeça foi cortada à volta do olho esquerdo, cujas pálpebras estavam queimadas e contraídas de tal forma que não cobriam o globo ocular, que necessitava de lubrificação e proteção. Um enxerto cutâneo falhou, e a única alternativa era coser a pálpebra superior à inferior.

O choque empurrara o queixo e o maxilar inferior de Jim para a parte posterior. Cirurgiões levaram horas tentando trazer para a frente a parte inferior do seu rosto, mas os dentes, os ossos e as articulações dos maxilares estavam de tal forma esmigalhados que não havia por onde prender. Finalmente, um dos médicos disse que queria tentar algo que provocaria dores terríveis, mas que poderia dar resultado, se Jim aguentasse 12 horas. Jim concordou.

Um arame foi preso ao que restava da arcada dentária inferior; um pedaço de elástico forte foi atado ao arame, e ao elástico um cordão comprido. O cordão esticado foi

amarrado a uma armadura ortopédica em H, colocada por cima da cama. Em seguida retirou-se o travesseiro de sob a cabeça de Jim, que ficou pendurada.

Jim achara que em matéria de dor já sabia tudo, mas esta era especialmente ruim, pela forma como incidia sobre o rosto queimado e fraturado. Nesse dia precisou de muito Demerol. Mas à noite ouviu o médico dizer: «Acho que deu certo!» Os ossos partidos foram postos nos lugares e os maxilares ligados com arame. O médico repôs a cabeça de Jim no travesseiro, dizendo: «Dentro de algumas semanas abriremos isso, e você vai comer um bife.»

Fúria Impotente. Jim estava em Nagóia havia um mês, quando seus médicos resolveram correr um risco calculado, dando-o como suficientemente forte para suportar grande cirurgia. Parecia certo que ele não sobreviveria, a menos que seu corpo tivesse oportunidade de sarar sob uma cobertura apropriada de pele. Teriam de ser feitos enxertos sobre as extensas queimaduras do lado esquerdo, inclusive na cabeça e na face. Sobre as áreas queimadas tinham-se formado escaras que era preciso eliminar. Com a ajuda de muito Demerol, Jim às vezes conseguia aguentar até uma hora disso. Depois veio o enxerto propriamente dito — operação que durou seis horas e meia. Embrulhado num casulo de ataduras, Jim acordou com mais uma dor nas costas, na área de onde lhe haviam tirado pele para o enxerto.

Os médicos esperavam que grande parte da pele enxertada fosse rejeitada. Mas ao fim de duas semanas, quando as ataduras foram retiradas, apareceu o triunfo. O enxerto tinha pegado — *completamente!* A cobertura protetora fornecia uma sustentação para o processo de cura.

A essa altura, Jim transformara-se numa causa para o pessoal do hospital de Nagóia. Médicos e enfermeiras iam frequentemente ver e encorajar aquele jovem que não queria morrer. Doentes que podiam andar visitavam-no e escreviam por ele as cartas para Lani. Jim recuperava-se lentamente, mas uma fúria começava-se a apossar-se dele. Sempre tomara conta da sua própria vida, e ei-lo ali, agora, totalmente impotente. Sentia-se humilhado. Começou a agredir os médicos impiedosamente, dizia-lhes que fizessem melhor o seu trabalho, que o pusessem logo de volta ao seu lugar de soldado. Pesava apenas 50 quilos, incluindo gessos e ataduras, e o seu organismo podia entrar em colapso a qualquer momento. Sua agressividade, no entanto, agradava aos médicos: era um bom sinal.

Cirurgiões ortopedistas abriram-lhe a parte superior da coxa, inserindo um tubo de aço ao longo do oco do fêmur, a fim de mantê-lo alinhado até à consolidação da fratura acima do joelho. Em seguida, num dos momentos supremos da vida de Jim, os arames que havia cerca de dois meses lhe imobilizavam as maxilas foram removidos, e ele pôde então comer o bife pro-

metido. Dos 32 dentes, 20 estavam quebrados, a maioria pela linha das gengivas, e ele tinha dificuldade em mastigar. Mas era bom para o seu moral e ele fazia força para consegui-lo antes de os dentistas lhe extraírem os dentes quebrados.

Em seguida foram removidas as ataduras das mãos e deram-lhe duas bolinhas de borracha para ficar apertando. Num belo dia de junho, correu pelo hospital a notícia de que Jim tinha testado o polegar e o indicador no traseiro de uma linda enfermeira, que, muito contente, escreveu a Lani contando, e a mulher de Jim deixou de se preocupar. Tinha agora a certeza de que seu marido ganharia a batalha.

Diante do Espelho. Nos primeiros dias de junho, a cânula foi retirada do pescoço de Jim. As atenções agora voltavam-se para as múltiplas fraturas expostas da sua perna direita. Um cirurgião ortopedista passou mais de seis horas tirando ossos e tecidos pulverizados da área, reduzindo as fraturas, reunindo e prendendo com arames um número incalculável de lascas e fragmentos. Quando terminou o trabalho, havia na tíbia, logo acima do tornozelo, uma falha de 2,5 centímetros. Foi aplicado novo gesso, para ser retirado ao fim de alguns dias, com Jim cheio de dores. A perna ficara escura e das incisões escorria uma matéria malcheirosa. Tinha-se declarado uma osteomielite, infecção da medula óssea. E agora aparecia mais outra e terrível dor: a coluna vertebral de James era visí-

vel através de uma escara na base do dorso, provocada pela longa permanência na cama. A ferida foi encharcada com Novocaína, depois limpa e pensada.

Em meados de maio haviam sido retiradas as ataduras da cabeça de Jim. Um dia, alguém, inadvertidamente, deixou um espelho de bolso na sua mesa-de-cabeceira. Jim pôde ver-se pela primeira vez desde o desastre. Durante um longo momento ele não conseguiu entender o horror que estava vendo. Todo o lado esquerdo de uma face de pesadelo parecia ter começado a derreter-se, fixando-se depois numa massa crua roxo-avermelhada. Não havia sobrancelhas sobre o olho esquerdo, fechado por costura. Os lábios eram inchadas protuberâncias cor de fígado e o canto esquerdo da boca tinha um rasgão de quatro centímetros e meio até à face, de modo que, quando ele fechava a boca, o rosto todo parecia descer junto.

Jim nunca imaginara nada parecido. Qual seria a reação de Lani? Ele não acreditava que uma mulher fosse capaz de viver com tal horror. Já nada mais importava, nem voltar a voar, nem continuar a viver. Suas dores físicas haviam diminuído, mas esta nova dor psicológica levava-o a pedir mais e mais Demerol.

Quatro meses depois do acidente, Jim foi transferido para o Hospital Militar de Brooke, no Forte Sam Houston, Texas, e Lani pôde vê-lo. «Você fica sabendo», disse Jim, «que não espero que possa viver

com isto.» Ela nem tomou conhecimento, e o assunto não voltou a ser mencionado. Mas no íntimo ela estava horrorizada: não com a aparência de Jim, para o que ela havia sido bem preparada, mas por ter visto o seu marido, antes forte e cheio de vitalidade, viciado em drogas.

Uma Nova Resolução. A osteomielite persistia na tíbia de Jim e a perna estava infeccionada e inchada, mais do dobro do seu tamanho normal. A parte inferior foi reaberta e removidos todos os arames e fragmentos de ossos mortos. Mas a infecção não cedia. A perna tornou a ser aberta e fez-se um enxerto na falha. O enxerto falhou, como falhou o seguinte, e a perna foi deixada em repouso.

Lani passava com o marido todo o tempo que podia. Pouco a pouco, ele começou a compreender que nem Michael nem ela ligavam a menor importância à sua desfiguração, e que o mesmo acontecia com médicos, enfermeiras e outros doentes. Quase sem se dar conta, Jim voltava a interessar-se pela vida.

Nesse outono, James aprendeu a mudar as ataduras da perna infeccionada e permitiram-lhe passar as tardes das quartas-feiras num apartamento que Lani alugara. Com muletas, conseguia movimentar-se um pouco sozinho. O seu moral subiu tão espetacularmente que foi autorizado a passar os fins-de-semana em casa. Como não tinha drogas em casa, substituiu-as por uísque, de que em breve estava

consumindo enormes quantidades. Lani se preocupava, mas não era hora de falar; o que tinha de fazer era ficar ao seu lado, tornando-lhe a vida o mais confortável possível.

Decorreram meses de uma rotina de esforços infrutíferos para derrotar a infecção da perna direita. Quando não estava tentando conseguir Demerol no hospital, Jim estava praticamente se afogando em uísque, em casa. Finalmente, Lani teve uma conversa com os médicos do marido. Era o momento de convencê-lo a libertar-se das drogas e do álcool, que o destruiriam com mais certeza que os ferimentos. Jim concordou. «Mas tenho de ter algo que fazer», disse ele, «qualquer coisa construtiva para ocupar o meu tempo.»

Isso era fácil. O hospital estava cheio de homens destroçados, que necessitavam do tipo de ajuda que Jim lhes poderia dar. Quando os médicos cortaram o Demerol, Jim começou a visitar os outros doentes. Havia um piloto que ficara cego por fogo e um oficial de infantaria que perdera as duas pernas na Coreia. O heroísmo deles enchia Jim de humildade. Havia também homens que morreram — nos quais a vontade de viver fora sobrepujada pelo pessimismo e autocomiseração. Para Jim, esta pobreza de espírito era muito mais aterradora que os piores ferimentos físicos imagináveis. No entanto, sabia que ele próprio fora quase dominado por ela.

«Andar Como Um Homem!»
Na primavera de 1953, um ano

depois do acidente, disseram a Jim: «Fizemos o que foi possível por essa perna. Vamos ter de amputá-la.» Isto era o fim do sonho de voltar a voar, pensou Jim. Mas a amputação pelo menos apressaria o seu retorno ao mundo que existia fora dos hospitais. «Então vamos cortar isso logo!» disse ele. «Eu tenho de sair daqui de qualquer maneira!»

Voltou a si depois da operação, olhou... *e a perna ainda estava no lugar!* «Resolvi dar mais uma chance», disse o médico, sorrindo. «Fiz um saque no banco de ossos e enxertei-o aí.»

Dias depois, Jim foi para casa com um estribo de gesso e ordens rigorosas de não fazer o menor peso sobre a perna direita, para que o enxerto ósseo pudesse repousar e ter uma chance de pegar, apesar da osteomielite. Imediatamente, sentou-se numa cadeira e pôs os dois pés no chão. A leve pressão causou-lhe dores horríveis, mas ele manteve os pés no chão e atacou as dores com uísque. Ao fim de algum tempo, pôs-se de pé e apoiou-se em muletas. O suor encharcava-lhe a roupa. Mas Jim saiu andando devagarinho pelo quarto, pousando o gesso cautelosamente no chão, tentando, sofrendo, mas não desistindo.

Ao fim de alguns dias largou as muletas e andou coxeando de um lado para o outro. Continuou nisto, sem dizer coisa alguma aos médicos, até que um dia levantou-se e andou sem nenhuma ajuda à volta da sua cama no hospital — com os médicos

olhando sem acreditar no que viam.

Foi retirado o gesso e a perna radiografada. O enxerto tinha pegado e, incrível, fortalecia-se, enquanto as extremidades ósseas cresciam ao encontro uma da outra. Um novo aparelho de gesso foi colocado, e Jim continuou a coxear, a sofrer, a praguejar contra o osso da perna, mas pedindo que continuasse a crescer. Nessa altura foi interrompida essa evolução para fazer-se um enxerto na pálpebra superior do olho esquerdo. Com ataduras de pressão sobre os olhos, Jim teve de ficar imóvel durante 14 dias, concentrando-se em não mover os olhos. Esse enxerto pegou, mas as pálpebras tiveram de continuar cosidas até fazerem outros.

Ao fim de dois meses, o aparelho de gesso foi retirado e a perna foi colocada numa bota ortopédica com braçadeiras de metal. Nessa noite, em casa, Jim ficou sentado, quieto, olhando a perna. Agora era o seu sonho que não queria morrer. Em silêncio, meditava que não conhecia nenhum piloto que usasse braçadeiras e botas ortopédicas.

Na manhã seguinte, Lani acordou e não achou o marido na cama. A braçadeira e a bota ortopédica estavam jogadas no chão. «Jim!» gritou, inquieta. «Onde está você?!» Saiu correndo na direção de onde vinha a resposta. Foi encontrá-lo sentado à mesa da cozinha, tomando café. As muletas estavam encostadas à parede, e ele estava de sapatos. «Os sapatos estão bons», foi ele logo dizendo, «e não me chamo Jim se

não andar como um homem!»

Algumas semanas depois, a infecção na perna começou a ceder, depois de suturados os drenos.

Estrela de Prata. Os médicos passaram a cuidar do seu rosto. Durante dois anos, Jim era operado de seis em seis semanas, na Base Aérea de Sampson, em Nova York. No intervalo das operações começou a jogar golfe para fortalecer a perna. A dor de andar era mortal, e ele tomava uma dose de uísque antes de começar a partida. O buraco n.º 6 ficava perto do bar do clube, onde tomava mais uma dose. Daí seguia coxeando durante mais dois ou três buracos, tomava mais um uísque e voltava para casa.

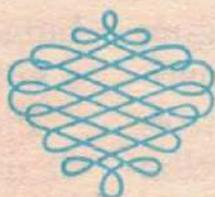
Finalmente, dispôs-se a libertar-se da dependência do uísque. Eliminou a parada no bar do clube, e ao fim de três meses já fazia nove buracos sem o segundo uísque. Logo estava fazendo 12 buracos sem tomar nada, depois 15, e finalmente, ao cabo de seis meses, os 18. Durante um ano, a menos que cirurgias ou a neve o impedissem, ele fazia 36 buracos diariamente. Pouco a pouco, deixou de coxear.

Depois dos últimos enxertos de pele, o olho esquerdo foi aberto, e, pela primeira vez em dois anos, Jim conseguiu ver normalmente. Estava transformado. Era um homem novo.

Em junho de 1955, 39 meses depois do acidente, Jim teve alta do hospital e recebeu ordens de se apresentar na Base Aérea de Langley, Estado de Virgínia, para prestar

serviço em terra. Designado para um serviço burocrático, ele convenceu um piloto a sair clandestinamente com ele num jato T-33 de treinamento. Quando saiu tudo bem, pediu para ser submetido a uma junta médica. Diante dos examinadores, argumentou com veemência que era capaz de voar. Desafiou-os a escolherem um instrutor que o submetesse aos testes mais difíceis, e passou todos. Em janeiro de 1956, o Capitão James Arthur Young foi reintegrado como piloto e recebeu ordem de entrar em treinamento de jato.

Em outubro de 1965, Jim ofereceu-se como voluntário para seguir para o Vietname. Tornou-se então dos primeiros comandantes de esquadrilha no Sudeste Asiático a efetuar mais de 100 missões sobre o Vietname, tendo sido condecorado com duas Estrelas de Prata. No dia 27 de janeiro de 1972, foi promovido pelo Presidente Richard Nixon ao posto de Brigadeiro do Ar, e hoje está servindo no Havaí, como subchefe assistente do planejamento do Estado-Maior da Força Aérea Norte-Americana no Pacífico.



Duplas Mistas

A MULHER puxou conversa com o garotinho do novo vizinho: «Soube que vocês têm dois pares de gêmeos na família», disse ela. «Acho isso uma maravilha! Você é um dos gêmeos?»

«Não, minha senhora», respondeu o garoto, meio chateado. «Sou apenas um sobresselente.» — F. G. K.

CERTO DOMINGO, no curso de jardim de infância da paróquia, minha filha brincava com uma de duas gêmeas idênticas. Mais tarde, saiu da classe e viu a outra gêmea. Visivelmente intrigada, ficou olhando de uma para a outra. Finalmente, chegou-se à jovem que tomava conta delas, apontou e disse: «A senhora sabe que há outra parte dela lá fora?» — W. N. K.

Dois dos novos alunos matriculados no meu curso de pintura criativa eram gêmeos idênticos, de oito anos de idade. Quando percebi que frequentavam escolas diferentes, perguntei a um deles o motivo dessa separação. «Bem», respondeu ele, apontando acusadoramente para o irmão, «é que esse aí vivia criando problemas... e um dia eles descobriram que era eu!»

— L. T. H.